

Lusocuria

Verónica Martínez Delgado

Vigo: O Figurante Edicións, 2012

Mário Herrero Valeiro

De formas e de vísceras

Começarei pelas formas

Por um desses particulares acasos da vida, em que as verdadeiras redes sociais, as físicas, entram em jogo, um dia chegou à minha caixa de correio eletrónico uma proposta: alguém que não conhecia pedia-me para corrigir linguisticamente o seu livro de poemas, o primeiro que escrevera na forma internacional da nossa língua. Respondi que sim, sem pensá-lo muito.

Antes de começar o trabalho, o primeiro no que reparei foi no título que na altura tinha o livro: *Foda-me*. E eu pensei: “Pronto, eu, que abomino da poesia erótica em geral e da poesia erótica galega em particular, comprometi-me a corrigir um livro de poesia erótica galega. Espero não ter que corrigir muito. Pelo menos parece que, pelo título, manteremos as boas formas, já que mesmo trata o amante de “você”. A educação não é incompatível com a paixão”. A piada finaliza aí. Porque, felizmente, errei. E errei profundamente. Se alguma coisa não é esta obra, penso, é poesia erótica como traço definatório essencial. É outra coisa mais complexa, mais terrível, mais humana. Poesia sexual descarnada, poesia amatória desapiedada, poesia existencial, poesia social. Mas erotismo, onde? *Lambo / com impostura / as esmolas / que me oferece*.

Contudo, e falando ainda sobre o título, continuo a pensar que o melhor para esta obra seria aquele que me chegou originalmente, mas diria que

necessariamente com menos educação: *Fode-me*. Fode-me no bom e no mau sentido da palavra.

Devo dizer que só sei ler a poesia da perspectiva que há anos, quando me interessava por estes temas, era chamada de *estética da receção*, mas nunca do ponto de vista da crítica literária, que sempre me pareceu um exercício banal e perverso. Especialmente em contextos como o galego. A estética da receção, que é também uma ética, é uma forma de ver a arte, isto é, de ver a vida. A minha leitura deste livro é feita a partir desta perspectiva, não é portanto uma crítica académica, é uma leitura visceral e emocional. E contextual, filha de um momento concreto da minha vida. Penso que esta é a melhor forma de reconhecer o seu valor. Outros farão críticas literárias. Direi agora que *Lusocuria* dói. Dói-me.

Tanto na minha vida como na minha conceção da poesia, da literatura em geral, tento observar os factos – e os livros de poesia são factos – a partir de dois parâmetros: o da contenção e o do excesso, ou vice-versa. Nem um nem outro parâmetro têm conotações necessariamente positivas ou necessariamente negativas. No equilíbrio ou no desequilíbrio dos dois movem-se a vida e a poesia. No literário, concebo um instável contínuo que vai do excesso extremo à extrema contenção. Nas formas, nos fundos, ou em ambos. Devo dizer que durante muitos anos gostei mais do excesso, tanto em formas como em fundos, mas, suponho que será a idade, há anos que luto por encontrar a contenção nas formas, porque os fundos continuam a arder, a cada dia com mais força. Tanto na vida como na poesia. A procura da contenção nas formas para mostrar a brutal vivência do quotidiano é uma tarefa difícil. Contínua e cruel. É uma forma de procurar o essencial e, ao mesmo tempo, de perguntar-se se realmente tem sentido essa procura. Direi agora que *Lusocuria* é um magnífico exemplo de como a contenção extrema nas formas pode ser a epiderme de um doloroso excesso no fundo, nas vísceras da poesia, nas entranhas da vida.

Continuarei, portanto, pelas vísceras

Estas são as minhas vísceras, hoje, agora, aqui. As minhas masculinas vísceras. Esta é a minha leitura, masculina, como não podia ser de outra forma. Li *Lusocuria* num dos momentos mais complexos da minha vida, débil e instável, a questionar todos os equilíbrios, e fiquei abalado. Chegou o momento de quebrar preconceitos. Definir línguas. Ultrapassar a fronteira da grafia. Do género. Da épica. Dos corpos imaginados. Da poesia mesmo. Reencontrar a mulher. Acreditar nela e elevar os olhos no pior dos momentos. Como disse, sempre tive preconceitos contra a poesia erótica explícita. E penso que sempre os terei. Lembro ter escrito há muitos anos um breve poema de escárnio sobre a poesia erótica galega, agora perdido. Mas é *Lusocuria* poesia sobre o

sexo, poesia erótica, como traço definatório? Ou o justo, o real, é fazer uma dupla leitura? Denúncia ou sexo. Grito ou gemido. Dor ou prazer. Existe por acaso diferença? O que é o sexo depois de vinte anos de relação monógama? O que é na prática uma teórica política dos corpos? Que significa o sexo, o corpo, o físico, o cárneo nesta infinita ditadura do capital? Que lugar ocupa o amor? Fiquei abalado por tantas perguntas que surgiram na altura, sobre o livro, sobre a autora, sobre este leitor accidental. E começou um diálogo escrito em torno do lugar que os nossos corpos ocupam sobre a terra. Talvez ela sobre o lugar do corpo feminino. Talvez eu sobre o lugar do corpo masculino. Sobre o nosso lugar no mundo. Longe dos arquétipos sexuais do capitalismo. Longe da futilidade essencial das relações humanas neste campo de extermínio que habitamos. Mas sejamos benévolos com os leitores accidentais. Com as leitoras passageiras. Gozemos com a paixão e o prazer. Soframos com uma profunda dor muito mais explícita e talvez por isso tão oculta. Discutamos, sim, sobre a caducidade dos corpos e das relações que entre eles se estabelecem. *Encerrava / sobre a pele / muitas dentadas, / cicatrizes, / tormentos / e muitas noites sem dormir [...]*. Muitas noites sem dormir, muitos dias, demasiados, sem viver.

Quero pensar, ou pelo menos as minhas vísceras querem pensar isso, que a Verónica escreve sobre o pouco que dura o amor e o eterno que é o sexo. Ou talvez sobre o pouco que dura o sexo e o eterno que é o amor. E sobre a perpetuidade dessa forma profunda de dor que se chama insatisfação. Talvez a palavra que melhor nos define. Ou pode que seja simplesmente questão de idade. Ou antes, de modelo socioeconómico. E não estou a brincar. Começamos a ser só as nossas circunstâncias. Por isso, contra o sexo mercantilizado, contra o sexo burguês, capitalista, social-democrata, deificado, contra o sexo elaborado por processadores de texto, por máquinas de produzir poesia, contra o teu sexo e contra o meu, contra a tua imagem no espelho, contra o sexo marital, contra os formosos e longos orgasmos do amor que dura vinte anos, contra o amor que sinto por ti, contra o desejo adolescente do homem que abandonou a juventude, contra as minhas mãos na tua cintura imaginando outra vida, contra nós próprios perdidos entre as ruas, deve existir sem dúvida um sexo amargo, um sexo desesperado, um sexo de orgasmos furtivos, como quando éramos jovens, um jogo brutal de necessidade, um aqui e agora, agora e para sempre, cinco minutos de para sempre, e morrer entre as tuas coxas, justo ao lado do teu prazer, justo ao lado do teu corpo espido sobre a mesa, apoiados na porta de um andar vazio, um sexo visceral, pré-humano, aqui e agora, aqui, assim e agora, breves e fúteis orgasmos de liberdade, de liberdade imaginada. Porque, como me farto de dizer, o amor, ou é cruel, ou não é. E por isso este é um livro profundamente cruel, sem

piedade, nem para ti, nem para mim, nem para nenhum de vocês. Hoje, aqui e agora. E assim.

Agora substituíam a palavra “sexo” pela palavra “amor”, e a palavra “amor” pela palavra “sexo”.

Ainda que talvez seja tudo ao revês. Por que não? Ou talvez seja simplesmente que o tempo se acaba e temos feito tão poucas cousas. E tantas. E ainda nos resta tanto por fazer. E tão pouco. Porque nos estão a roubar a vida e não fazemos nada por recuperá-la.

Só sei que contra a triste frialdade dos registos cibernéticos em que estamos a transformar as nossas existências, temos a crueldade física do passageiro, do instantâneo, do inacabado. Contra a cobardia do eletrónico, a ousadia do cárneo, da minha pele contra a tua pele, da minha saliva contra a tua saliva. Contra a tortura da memória, os tempos longos do porvir. Troquemos o seco equilíbrio por um húmido percurso sobre a corda bamba. Troquemos um corpo por outro corpo. Troquemos uma voz por outra voz.

Fodia-me, / insaciáveis / os dois, / para aproximar-me / pelo menos fisicamente. Aproximar os corpos quando as almas se isolam. Distância. Distâncias físicas e mentais. Foder – no bom e no mau sentido – com o corpo e esquecer com a alma que não existe. Foder – no bom e no mau sentido – com a alma que existe e esquecer com o corpo que não existe. Ou simplesmente esquecer. O único que sei é que foder – no bom e no mau sentido – é um ato político. Portanto materialista. E esquecer é um ato de paixão. Portanto de fé. O que não sei é o que é melhor. Para mim reclamo a paixão. Para o mundo, a política dos corpos. Como a Verónica. A política e o amor. Apesar de tudo.

Desculpem-me toda esta série de tópicos, de meias verdades, de meias mentiras. Pobre de mim, pobres de nós, homenzinhos burgueses, que vivemos, e morreremos, plenos de insatisfação. Objetos de consumo, consumidores do nada que nos consome. Adorados de objetos, acumuladores de cousas. Idólatras do capital. Lambemos objetos, álcool, alimentos, enquanto deveríamos estar a lamber conas. Perdendo o tempo. Perdendo a vida. Maridos, esposas, escravos de um vínculo. Família. A maior das perversões e, ao mesmo tempo, o único que nos mantém ancorados a um mundo quebrado.

Finalizemos este mapa de uma evisceração, de autópsia de um instante, de uma leitura, de uma vida. Como escreve a Verónica, talvez na boca da amante, ou na boca do amante, tanto faz, pois todos somos vítimas e carrascos neste jogo: *Não se pode viver assim / sé feliz / sé feliz.* Mas todos sabemos que se pode viver assim, dia após dia, afastando o fantasma da felicidade das nossas existências. Filhos que são. Ou que não são. Hipotecas. Despedimentos na empresa. Horas e horas de trabalho para manter o monstro. Pais egoístas. Pais velhos. O cansaço sempre. Profundo, constante, cas-

trador. Trabalho e cansaço. Capitalismo O medo a perder o pouco que tens. A ruína em que se vão transformando os nossos corpos. As nossas almas. O ruído insuportável que nos afoga. Pode-se viver assim. Assim vivemos e assim talvez morramos. Como pais velhos egoístas na procura de um país inexistente. *A vida empurra / com o seu pulso,* escreve a poeta. A vida empurra.

E é por isso tudo que eu, que habito um mundo constituído essencialmente pela mais profunda vacuidade capitalista, recebo *Lusocuria* como uma esperança momentânea. Eu, rodeado da extrema superficialidade das cousas, leio *Lucocuria* como um grito de poder, e de dor, portanto, como um reencontro com um corpo perdido, com uma voz que desconheço. Que talvez nunca compreenda. Eu, cercado pela mentira de estabilidade burguesa, compreendo por fim que deve haver outro tipo de mulheres. Que deve haver outro tipo de homens. Que devemos construir uma idade que devolva o corpo ao lugar que exige. Que devemos reconstruir-nos. Eviscerarmo-nos. Que temos direito a outra vida. Que temos o direito e o dever de vivê-la. *A vida empurra, com o seu pulso.*

Lusocuria é, na minha leitura, o relato de uma evisceração, o relato desapiedado de uma evisceração atroz, de abrir-se as carnes e dizer: isto sou eu e aqui estou. Este é o meu amor. Este é o meu sexo. Este é o meu género. Esta sou eu, aqui e agora. Ou ali e então. Obra inacabada, aberta, mutável, que permite leituras diversas, incluídas as míopes, provavelmente como a minha. E é por isso que penso que esta evisceração própria que acabo de executar era o mínimo que a Verónica e o seu livro podiam e deviam esperar deste triste, passageiro e pouco humilde comentarista. Oxalá todos e todas nós tivéssemos a ousadia de fazer algo como o que a Verónica faz neste livro pelo menos uma vez nas nossas vidas; não serviria, é certo, para nos libertar da nossa miserável condição de escravos neste inferno, patética mistura de hedonismo e niilismo, mas sim, talvez, para saber melhor o que somos e o que poderíamos ter sido. E o que já nunca seremos.